

# DUAS MORTES

Marinho, Josaphat:  
003  
Reportagem 0012

Josaphat Marinho

Dois fatos tristes atingiram, profundamente, o meio político, estendendo-se a amplo espaço da sociedade nacional: a morte do ministro Sérgio Motta e a do deputado federal Luís Eduardo Magalhães. Ocorridos de uma para outra semana, abalaram famílias e o sentimento público, varando fronteiras partidárias. Se o ministro lutou por alguns dias contra a doença cruel, o coração do deputado não resistiu um dia à enfermidade. Por isso mesmo, e pela idade de 43 anos, o impacto de sua morte foi mais intenso. Pela energia, porém, que ambos revelavam na atividade política, nada indicava à percepção geral a proximidade da "indesejada das gentes", na imagem do poeta. A expectativa, ao contrário, era de resistência ao mal, para que os dois pudessem continuar prestadores de serviço à coletividade, um no governo, outro no Congresso Nacional.

Coincidentemente, os dois tinham qualidades semelhantes, com aspectos peculiares a cada individualidade. Eram, em comum, francos. Um, o ministro, revestindo a franqueza com a ironia ou a contundência, a ponto de o chamarem "o trator". O deputado a exprimindo com sobriedade e diplomacia. O primeiro mais impetuoso. O segundo mais contido. Ambos reagiam com firmeza ou desenvoltura à provocação ou à incontinência. Sérgio Motta gostava de suscitar controvérsia, embora fosse também o negociador, a serviço do governo. Luís Eduardo, em lugar da divergência, preferia aplainar o caminho para a solução de compromisso. Os adversários do governo sabiam, e ainda agora na tristeza o disseram, que o líder transigia com seriedade, despertando confiança. Ambos eram fiéis ao Poder Executivo, adotando estilos diferentes. O ministro, por vezes, assustava o presidente, ou em verdade lhe prestava serviço, com declarações supostamente inesperadas. O deputado antes o resguardava de imprudência. Não era de seu temperamento aparentar a geração de crise, ou de discórdia.

Não obstante a moléstia, Sérgio Motta pôde dirigir mensagem fraterna ao presidente e amigo, com expressiva observação política. Escreveu com perspicácia: "Não se apequene. Cumpra seu des-

tino histórico. Coordene as transformações do país". Como quem não queria perder a ocasião, transmitiu o conselho suscitado por perigos descortinados. Pressentindo o fim, emitiu sua derradeira palavra de lealdade ao chefe de Estado, a quem ajudava sem omitir a verdade. Luís Eduardo não teve tempo de refletir qualquer juízo sobre a realidade sentida. A violência do mal que o abateu foi fulminante. Não lhe permitiu revelar qualquer impressão que por-

autênticos instrumentos de orientação da opinião pública e dos governos instituídos. Daí a incredulidade das massas populares, bem como a indiferença das classes intelectuais e dos jovens, diante do processo político. Conseqüência dessa insegurança da ação política, também, é o julgamento desfavorável, comumente colhido nas consultas de opinião, a respeito dos que militam na vida pública.

Decerto, os percentuais de impressão publicados nem sempre refletem, com exatidão, os procedimentos prevalentes nos órgãos dos poderes do Estado. Há muito quem proceda com correção, e leis e atos administrativos diversos correspondem a objetivos de interesse da sociedade. Injustiças, erros e paixões concorrem para obscurecer os resultados válidos de ações úteis. Tais fatores, aliados àquela falta de organização e funcionamento adequados das instituições políticas e administrativas, permitem a expansão dos julgamentos condenatórios. A mudança dessas manifestações coletivas precisa ser conquistada, e uma das formas de alcançá-la reside na presença na política e na administração de figuras que despertem o interesse ou a confiança geral.

A morte de personalidades como as que agora desapareceram deve estimular a escolha, para o Legislativo e o Executivo, de figuras capazes de elevar e realçar os padrões da política. Não há de ter sido apenas a surpresa do fato triste que justificou tão ampla demonstração do sentimento coletivo. Ao imprevisto do acontecimento aliou-se o respeito à revelação de firmeza de atos e palavras. A habilidade que interessa ao povo não está na dissimulação, na obscuridade, ou no engano, mas na clareza de palavras e atitudes. Demais, como ensina Norberto Bobbio, "pode-se definir a democra-

cia das maneiras as mais diversas, mas não existe definição que possa deixar de incluir em seus conotativos a visibilidade ou transparência do poder". Os dois mortos lembrados, nos seus acertos e erros, buscaram manter, por sua franqueza, "a transparência do poder". Por isso receberam o testemunho comovente da solidariedade coletiva.

■ Josaphat Marinho é senador pelo PFL da Bahia

